

QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 11 de Junho-- de 1930

5 TOES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

212



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O COMERCIO DE LISBOA EM MADRID



João Paulo Freire, um jornalista e escritor, encrava um secretario geral da Associação dos Lojistas; Silvestre Coelho, um homem que vende cunhas, mas não se mata em qualquer coisa; Carlos Oscar Rodrigues, um oculista que não precisa de olhos para ver bem ao longe; João Martins Casal, um varapau de «record» dos voto efficaz, e dr. Santos Lourenço, um homem de leis sempre em viagem—uma especie de Codigo Comerc. em «Sud-express».



Os ditos da semana



Santo Antonio Vem aí o Santo Antonio. Sabemo-lo porque o diz o «Borda d'Água» e porque já chegou a guarda avançada dos petizes que pedem meio tostão para o santo que, ao que se vê, continua a manter os seus hábitos de frugalidade. Com meio tostão já não se manda cantar um cego, mas sustenta-se uma crença.

Santo Antonio casamenteiro, quebra ou concerta bilhas —isso ainda não está bem averiguado —tem um altar em cada esquina. A crença é dos outros, mas nós é que a pagamos, nós os transeuntes pacíficos que vamos à nossa vida e não temos nem queremos ter nada com as bilhas dos outros ou das outras, rachadas ou não.

Preguntas sem resposta Porque é que, em Portugal, os criminosos são criminosos nos primeiros oito dias apoz a pratica do crime?

Esquadra alemã A Alemanha manda-nos mais uma esquadra. Vem de ponto em branco, como da outra vez. São navios novos em folha —folha aqui não quer dizer lata —construídos depois da guerra e quando a Sociedade das Nações e as conferencias internacionais se entretem a estudar o problema do desarmamento.

A Alemanha arma-se justamente para dar razão às conferencias para que, quando um dia se resolver o desarmamento geral, também ter que desarmar. De contrario seria uma potencia que não podia desarmar exactamente porque não tinha armado.

E assim é que está certo.

Angola e Metr: pole Poucas vezes se tera dado o caso de criminosos terem tantos advogados como agora, neste julgamento da grande bufa. Ha os de todas as cores, iórnmas e leitios. De defeza, de accusação, officiosos ou não, pagose de graça, e em todas as classes sociais. Cada um faz a sua de feza ou sua accusação ao sabor das suas paixões, dos seus deveres ou dos seus interesses. Os que menos contam são os que estão cumprindo honradamente o seu dever no tribunal de Santa Clara —os que

teem procuração dos reus para os defenderem ou do Banco para os acusarem. Mas a par destes, outros ha que também estão sendo advogados por diletantismo, mas com paixão. Só lamentamos a situação dos juizes, novos Argus de cem olhos abertos para verem tantas accusações e tantas defezas.

O que se diz! O que se tem dito! O que ainda se dirá!

Oh! senhores, deixem lá obrar a justiça que é cega, mas não é surda.

Pontapé? Noticiava um jornal da manhã, na semana passada que dera entrada no hospital dos Capuchos, ficando internado numa das enfermarias o menor de 15 anos, Raul dos Santos Graça, engraxador, que foi agre-

dido com um pontapé no ventre, ficando muito contuso.

Pontapé? Muito contuso?

Quem seria a...

Ao leitor deixamos a faculdade de substituir as reticencias pela palavra que julgar mais adequada, mas iamos jurar que todos empregarão a mesma.

Por discos Para quem quizer aprender Linguas existe agora um jornal educativo —«O Poliglota» —que promete lições á gente por meio de discos.

O numero que temos sobre a nossa meza de trabalho deveria ser o primeiro, mas não é. É o primeiro que vemos, é certo. Mas como ele é o ante primeiro —esperemos agora o primeiro primeiro.

Explorações po ares Um telegrama de Washington recebido pe.os jornais portugueses, ha dias, traz esta sensacional noticia:

WASHINGTON. 5.—O governo cedeu ao explorador Wilkins um submarino, que está fóra de uso, para as explorações que ele pretende fazer durante cinco anos, pagando apenas um dolar por ano, a titulo de aluguel. O submarino será equipadado de forma a poder romper capas de gelo com 50 pés de grossura.

Isto é o que se pode chamar a ultima novidade em explorações polares. Já se tinha experimentado tudo desde o barco de vela ao vapor, desde o *pedibus calcantibus* ao avião e ao dirigivel. Agora surge o submarino equipadado de forma a poder furar o gelo. Mas aquilo não é um submarino é uma verruma.

Anuncios Do nosso fornecedor:

REGENTE

Precisa a filarmónica Amizade, habilitado, Dirigir a João A. Sequeira — Alcaer do Sal.

Quando a amizade precisa de regente o melhor é consultar o coração que é, e foi sempre, o mais competente regente da amizade. Se o coração se negar então não ha remedio possivel. É' desafinação certa na filarmónica.

Casos da Rua

O guarda n.º 1263 da P. S. P. apresentou queixa contra Maria da Conceição, cuja morada diz ignorar, arguindo-a do o perseguir, mesmo quando em serviço, instando para que vá para a companhia dela.

O remedio é simples. É' leva-la para a esquadra. Não é bem o que ela queria mas vem a dar na mesma. Não é ele que vae para a companhia dela, é ela que vae para a esquadra dele.

Menina

Nova, com fortuna, deseja consorciar-se com um cavalheiro de 22 a 27 anos, que tenha posição social, enviando carta e fotografia, ao Largo Trindade Coelho, 10, ao n.º 23.

Se não se trata de uma brincadeira de mau gosto, este anuncio define uma epoca e, dentro dessa epoca, a crise do casamento.

Menina nova e com fortuna vê-se na necessidade de botar anuncio para casar, como se fosse um estafermo qualquer com 60 anos bem puxados.

—Mas, objecta-nos um amigo aqui do lado, vejam lá bem que o anuncio fala de bem, mas não fala de dotes fisicos.

EM VIAGEM



Drs. Joaquim Manso e Belrão da Velga, os dois conferencistas que Madrid vae ouvir.



THEATRO



«RETROZ PRETO...»

O Poeta Silva Tavares



ISTO de ir a Paris... tem os seus inconvenientes...

Vem-se quadros de revistas que já aqui se representaram—quasi na integra—e ouvem-se futuros numeros de novas produções portu-guesas...

Se não é bem assim... pouco falta.

A SAIDA duma segunda repre-sentação duma peça original ouviu-se o seguinte dialogo en-tre marido e mulher, ja um pou-co idosos:

—Julguei que a peça não acaba-va. Que massada!

—Fizesses como eu... que dormi toda a noite.

O BOM filho a casa torna...

O nosso Francis volta para a Companhia do E. A., que anda por terras do Brasil...

E houve tanta celeuma e escre-veram-se tantas cartas nos jor-nais!

Em teatro é sempre assim... De- pois duma tempestade, vem a bo-nança... e esta acalma os ner-vos...

A. DA C. começa a época a rei-nar...

Como acabara?

EM Paris esta fazendo sucesso o equitador Roberto de Vasconce-los, apresentando, no circo, um ca- valo em alta escola. Em nenhum programa ou anuncio vem a na- cionalidade do artista! Porque se- ra?

DEPOIS da peça «Degredados» o actor-empresario R. M. anda á procura da «Hora Imaculada». Ainda não voltou. É possível que chegue com o «Além-mar!» A to- dos está reservada a sua «hora» e essa bate-nos sempre á porta... mais cedo ou mais tarde! É só sa- ber esperar...

UM jornal que iniciou a sua pu- blicação, insere uma pagina dedi- cada ao teatro, duas secções. «Os novos» e «Os velhos». Nesta últi- ma publica uma bela gravura do actor Samwel Diniz.

O Samwel «velho»!

O Ivo, exageraste um pouco...

PARA sabado anunciam-se 3 «premieras»: No Nacional, no Gimnasio e no Trindade.

Andamos, ha um mês sem es- treias e, de repente, surgem-nos logo três...

Não ha fome que não traga far- tura... E, nós, temos médc desta fartura...

O FADO entrou, novamente, pela revista. Houve um tempo em que a tinha abandonado. Regres- sou... e regressou com alma...

Por quanto tempo?

«GINGINHA» se chamava a no- va revista do T. V.

Não era costume...

Antigamente o empresario A. E. só bebia pingados...

«A BOLA» já rebolou para além do cento... E segue. Conse- guiu este exito nao tendo agrada-

do na «premiere». O que faria se tivesse sido aclamada com acirrio e entusiasmo!...

SO entre nos é que se dão coi- sas como esta:

Santos Carvalho (Manuel) — Es- ta palavra Manuel que se sobre-

SCENAS DA SCENA

UM TITULO

O Esculapio, certo dia tendo escrito uma revista,

— não se borque fantasia

— ja com que ponto de vista—

poz-lhe um titulo atrevido;

um titulo de espavento,

irritante e... mais comprido

que o seu proprio comprimento!

Não se esqueçam, nesta altura,

que o Esculapio, hirtó, apumado,

faz lembrar pela estrutura

um pinheiro avantajado,

e calcularão depressa

o comprimento estupendo

do nome que deu á peça!...

Nu julgo ainda estar lendo

o retumbante cartaz

reclamando essa obra sua:

— A revista «Frei Tomaz,

ou o misterio da Rua

de Samwa de Carvalho...»

Val d'ahi, quando já tinha

subido á scena o trabalho,

certa vez, quasi noitinha,

eis que passam dois salotes

p'lo teatro. Param e, zaz,

— com o seu ar de «malotos»

começam lendo o cartaz.

Chegam ao nome da peça

e, com espanto muito sério,

diz um para o outro:—«Hom'essa!

Frei Tomaz, ou o misterio

da rua de não sei quê!...»

E o outro, como quem foge

ed'ir no conto ou coiza irmã:

—«Inda não sabem qual é

a revista que vai hoje...

É melhor vir amanhã.

SILVA TAVARES.

põe ao apelido de Santos Carva- lho, actor, pintor, escritor e criador de tipos e de discos, actualmente no «elenco» do teatro Avenida, é para o distinguido doutro artista seu homonimo que se diz do Porto, quando do Porto, afinal, é o Santos Carvalho (Manuel)...

O que não é... é que usa... Só pelo diabo!

AFINAL o J. C. trouxe bilhete de ida e volta...

Estavam para ahí a dizer coi- sas... e não é verdade!

Quando acabara a «ma-lingua» e a «intriga» entre gente do tea- tro?

SAIU ha dias o seguinte re- clame do T. A.:

«Esta não galaram a revista do Apolo, «Senhor da Serra», e cada vez mais cheio de graça e de ale- gria, o seu popular «compere» rea- lizado pelo querido actor-cómico Carlos Leal, que desde ante-ontem redobrou de energia e de activi- dade graças ao conteúdo da bor- racha com que faz a sua entrada em scena, por entre homericas gal- galhadas do publico».

Si non es vero... parece!

O MES de junho entrou e só fi- cou funcionando em Lisboa uma companhia de declamação. É bas- tante pouco. A crise ataca, prin- cipalmente, o teatro declamado. É este, que é necessario salvar... Ouvimos falar em comissões para lhe acudir... Onde estão elas? Parece-me garganta...

VIMOS e ouvimos, no «Para- mount», em Paris, um «filme» so- noro e falado, intitulado «Le sexe fert».

Ja tinhamos visto «aquilo» numa revista portuguesa. Era o quadro de comedia do «dito final» era o mesmo, traçado, claro está!

Quanto aos inconvenientes ir a

«O que será a época de verão nos nossos teatros?»

Esboçam-se «programas», mais poucas noticias se dão que nos fa- çam prever successos...

Cautela! Haja orientação e sal- ban escolher peças para o nos-o publico. O calor aperta e o espec- tador — se nao lhe «cêira» — foge para o ar livre... onde está mais fresco...

CONTINUA registando «enen- tes» o teatro de Santa Clara, onde se representa o «Julgamento do Angola e Metropole».

E dizem que os teatros fóra do centro da cidade não têm publico!

Dêem-lhe boas peças e boas in- terpretações que «ele» aparece sempre...

O HOMEM DAS 5 HORAS.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande ?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115



— Eu queria vitriolo...
— Que porção?
— ... Para duas pessoas.

Elevador da Gloria

No salão:
O carneiro — Dez tostões de isso?
O freguês — Sim, mas com muita carne de roda!

No consultório:
Tem esperanças que o seu marido saia bem da operação?
— Tenho! Prometi-lhe que o deixaria beber 5 litros de vinho de uma só vez...

Na tropa:
O sargento — A que se dedica você na vida civil?
O galacho — A ser pai de família!

Na barbearia:
O oficial — Como quer o cabelo?
O freguês à esposa, que está ao lado — Ouve... Como queres?

— Ontem à noite houve uma tempestade terrível!
— Não ouvi! Estava a falar com minha mulher!

No banco:
— Sr. director! Uma senhora deseja falar-lhe.
— Mas eu conheço-a?
— Creio que sim, porque ela disse-me: «Vá avisar esse idiota que estou aqui!»

O prezo — Vamos fazer uma partida ao director da prisão?
O guarda — Quai ha de ser?
O prezo — Abra-me a porta do calabouço e deixe-me fugir!

O medico — Desde quando se queixa ela?
O marido — Desde que nos casamos!

— Tio Jeremias, voltaste a beber! E' mau!
— Tu es como todos! Só reparam quando bebo e não quando tenho sede!

No Jardim Zoológico:
Ela — Em que pensas?
Ele, parado em frente da pantera — Em ti, minha querida!



— Agora já é tempo de dar alguma colocação a seu filho. Não lhe dá cuidado ele não ser nada?
— Não... Enquanto não for nada, pode vir a ser tudo.

Dispa-se minha senhora!

Valente Temudo, mercê duma forte congestão, precedida duma não menos forte indigestão, esteve por um triz a dar a alma ao Criador.

Rebolou-se, esperneou, fez-se ruído que nem um tomate, gritou que nem um charrôco, e, por fim, caiu inerte, pesadamente, como um paquiderme.

O médico que lhe assistiu, desde o começo, á violenta síncope, era um homem resoluto, de poucas falas mas prático, um clínico á moda antiga, classico, e tão classico que o primeiro recurso foi pregar no adiposo Temudo uma boa duzia de bichas...

Sugado, e bem sugado, dai por pouco tempo o doente estava livre de perigo, sujeito, contudo, a uma cautelosa e prolongada dieta, não fosse ele, o pantagruélico Temudo, entrar por outra ceia opipara, e de lá sair, novamente, para o leito e daqui para as bichas...

As bichas... que eram a principal arrelia daquele Valente...

O receio, o pavor, e iminencia de ser novamente chupado por aquelas insaciáveis sugadoras — tiraram-lhe o animo de ir pelo consultorio do médico sujeitar-se a nova vistoria e pagar-lhe, ao mesmo tempo, os seus bem merecidos honorarios. Por isso, disse Temudo á consorte:

— Olha, filha, vai lá tu... diz-lhe que estou optimo, muito obrigado, que desculpe e que diga quanto lhe devo.

Ela, contrariada, lá foi. Era a hora da consulta; muitos clientes.

Chegada a sua vez, a criatura entrou e avançou até á secretária do médico.

— Doutor...
— Tire a roupa, minha senhora.
— Mas é que... doutor...

— Oh! minha senhora, avie-se, tenho mais de cinquenta doentes á espera, e não posso perder tempo... Dispa-se...

Silenciosa e humilde, a pobre mulher lá se foi despindo. O clinico, voluntarioso e mal encarado, — sempre classico — curvou-se para ella e, atentamente, auscultou-a. Depois de alguns minutos de observação disse-lhe, admirado:

— Mas a senhora não tem nada! Todo o seu organismo funciona admiravelmente! Que sente, então?!

E ella, sincera:
— Eu? Não sinto nada!... Vim apenas para pagar a conta de meu marido...



— O senhor, sem me conhecer mais gordo, vem pedir-me dinheiro emprestado!...
— E' que já o conheci mais magro.

A derradeira rabulice

Um dia, perante o pasmo de S. Pedro, appareceu ás portas do céu, com ideias de entrar naquella mansão celestial, um advogado que na terra ficara celebre pela sua rabulice e espirito chicaneiro.

S. Pedro, ao vê-lo, nem sequer abriu a porta e, mesmo pelo ralo, o desenganou, declarando-lhe que advogados era classe que não tinha ali entrada.

E' claro que o pretendente começou logo no mais veemente dos protestos, bradando em altos berros «que não havia direito, que não estava certo, que era uma injustiça, uma illegalidade.»

E de resto, acrescentou que o caso não ficaria assim, que era um desacato á sua classe e que iria fazer a respectiva reclamação perante a Ordem dos Advogados.

Vendo que nada conseguia daquela forma, o pretendente declarou então, que elle, afinal, não vinha para se instalar por toda a eternidade; vinha apenas no exercicio da sua profissão, proceder a uma simples vistoria.

E. Pedro, já mais tranquillo, e tambem abalado com tamanha in-

sistencia, ao ouvir isto, para evitar mais discussões ali á porta, lá o deixou entrar, a fim de proceder á diligencia anunciada.

Porem o outro assim que se apanhou lá dentro, sentou-se na primeira nuvem que encontrou num corredor e assim, comodamente instalado, já não havia forças, nem argumentos, nem protestos que o arrancassem de lá.

S. Pedro ora punha as mãos na cabeça arrependido já da sua transigencia, ora bradava indignado com a falta de palavra do intruso; e bem se fartou de lhe fazer vêr que a sua permanencia ali era impossivel que nunca ali tinham entrado advogados e que, portanto, de maneira nenhuma elle podia ter a pretensão de lá ficar. Mas tudo em vão.

Enfim, palavra puxa palavra, a discussão azedava-se, já uma grande porção de anjos formava multidão á volta deles, quando o advogado artemidamente se sahuiu com esta:

— Pois bem, eu saírei, mas desde que para tanto me façam uma intimação em fórma.

S. Pedro suando já por todos os poros, mas já um pouco esperançado com esta declaração, mandou logo uns poucos de anjos em busca dum escrivão que procedesse á diligencia.

E aguardou-se que alguns dêles voltasse com o referido funcionario.

Mas deram as 10, deram as 11, a meia noite e nada.

S. Pedro já se impacientava; estava na hora de se correrem os ferrolhos e nada de apparecer qualquer dos anjos enviados.

Foi então que um serafim que estava junto da secretaria do santo folheando os livros de registo, exclamou num desalento:

— Mas é trabalho perdido; no céu nunca entrou tambem nenhum escrivão.

— E' verdade, agora me recordeo — disse já muito pálido S. Pedro — posso perder a esperanza de fazer sair aquele intruso; é certo, no céu nunca entrou nenhum escrivão; desses nem tenho meoio ideia de nenhum se ter atrevido sequer a bater-me á porta...



— Papá! Diga-me, faz favor, o que é bigamo.
— Olha, minha filha, é um homem duas vezes parvo.



— Diz-me lá Anita: quanto tempo estiveste casada com o Jorge?
 — Para te dizer com franqueza, não sei... Esqueci-me de olhar para o relógio!

Um caso que aconteceu

Serafim dos Anjos, talvez por ser Serafim e dos Anjos, não detestava a música; detestava, porém, ouvir sempre a mesma música. Quando apareceu a Ramona, ia dando em neurasténico, á força de ouvir todas as meninas ramonando em pianos mais ou menos ramonicos. Depois, veio o Volga-Volga— e foi novamente a proximidade da neurastenia... E, para demonstrar até que ponto cada musica entrava nos ouvidos da multidão, Serafim dos Anjos contava esta historia, cuja veracidade é garantida pela saúde dos seus ricos paisinhos. (Convem dizer que Serafim dos Anjos era exposto da Santa Casa da Misericórdia e fóra educado na Casa Pia).

olhos não estavam fechados, começo a ouvir, pianinho, a maldada Volga-Volga... comigo, nem mesmo na cama consigo escapar! A pouco e pouco, fui ouvindo com maior clareza,—com tanta clareza, por fim, que me pareceu que alguém estava dentro do quarto a cantar!
 Não lhes digo nada, meus amigos. Sabem vocês o que eu vi, com estes que a terra ha de comer, quando acendi a vela? Espantoso! Era o percevejo maldito, que fizera da beata uma embarcação e dos fosforos dois remos, e andava a remar dentro do vaso—cantando a Volga-Volga!

MYSELF.

Exemplares exgotados do «Sempre fixe»

Compram-se na Administração deste semanario, os numeros 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 28 e 106, que se encontram exgotados nos nossos arquivos.

Uma noite, já muito aborrecido, por ouvir Volga-Volga nos cinemas, nos intervalos dos teatros, nas orquestras e nas grafonoias dos cafés, fui deitar-me cedo. Metime entre lençóis, acendi um cigarro; como não tenho cinzeiros em casa, deitei o fosforo para um vaso (vocês percebem, está claro), que tenho na banca de cabeceira. Depois, puz-me a ler o Fixe.
 Com o entusiasmo da leitura, o cigarro apagou-se. Acendi outro fosforo, que seguiu o mesmo caminho do primeiro... lá ficaram os dois a bolar á superficie... do liquido que lá estava.
 Continuel a ler. Estava divertidissimo com a leitura, e o cigarro apagou-se sem eu dar por isso. Para não voltar a gastar fosforos, deitei a beata para o mesmo vaso já estavam os dois fosforos.
 Acabada a leitura, apaguei a vela, e quiz adormecer. Comecei, porém, a sentir uns passinhos muito ligeiros, tic-tic, por uma perna acima. Alto lá, disse eu. Temos moiro na costa. Acendi a vela: o moiro lá estava, disfarçado em percevejo. E, agarrando no bichinho, com todo o cuidado para não o esmagar, atirei com êle para o mesmo vaso onde já estavam a beata e os dois paus de fosforo. E metime de novo entre lençóis, luz apagada para adormecer.
 Mas, qual adormeces! Ainda os

Fogo! Fogo! sr. Jorge!

Vocês não conheceram este brasileiro. Mas eu que o conheci e posso afirmar-lhes, sem receio de desmentido, que êle era um colosso. Colosso de corpo e colosso de imbecilidade.

Privei algumas vezes com êle e, seria mentir não dizer agora que sempre achei imensa graça ao rapaz.

As melhores anedotas Lhe são atribuidas por êsse Brasil fora: os ditos que revelam mais estupidez andam na boca do mundo como proferidos por si.

Ha dias, num daqueles dias de boa disposição, em que as anedotas saem m série como os brinquedos das crianças, falou-se a seu respeito. E logo alguém que o conhece como os dedos das suas mãos, contou esta piada:

Saira êle de manhasinha de casa e andara em pandega rangada todo o santo dia.

Recreiava, então, os olhos vendo as mulheres que passavam na Avenida Rio Branco, quando um homem, com ar afflicto, se aproximou e disse:

— Sr. Jorge! Sr. Jorge! Vá depressa a Nicteroy, que a sua casa está a arder!

— O quê?— retorquiu— a minha casa a arder?!

— Sim, sr. Jorge!— A sua casa em Nicteroy está a arder!

Leve como um gamo, dirigiu-se o nosso homem em direcção á baía que tinha de atravessar para chegar a Nicteroy. Tomou um «gazolina» mandando avançar com velocidade.

— Depressa! Depressa! Vamos a Nicteroy!

— Mas, permita-me que...— diz o maquinista, pondo o barco em andamento.

— Depressa! Depressa! Ai! meu Deus!

— Mas... oh, senhor! Porque tem assim tanta pressa?

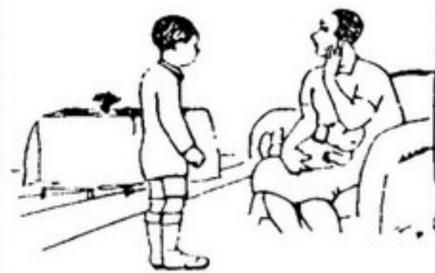
— E' que eu estava na Avenida Rio Branco e aproximou-se de mim um homem que disse:

— Sr. Jorge! Vá depressa a Nicteroy que sua casa está a arder! Mas depressa, maquinista! Depressa!...

— Mas, com franqueza, que vai o senhor lá fazer agora? Quando lá chegar... Sim... A sua casa...

— Sim, é verdade... O que é que eu lá vou fazer... Sim... Se eu não sou Jorge, nem móro em Nicteroy?

Tableau!



— Que pensas que diz teu irmão?
 — Que todos os doces que estão na mesa são para mim.

Grana dos outros

A mãe para o filho:

— Porque não queres ir á escola?

— Porque se me perguntam o que não sei!

— Porque não procuras trabalho?

— Não posso, irmão! Não ha noite que não sonhe que trabalho muito!

— E depois?

— No outro dia acordo canendissimo!

O ladrão que lerou cinco horas a arrombar o cofre e é surpreendido pelo dono da casa:

— Já me podia ter dito que não tinha cinco tostões lá dentro!

Na China:

O chefe dos bandidos— Estamos bem arranjados!

Um da quadrilha— Porquê?

O primeiro— O marido da nossa prisioneira envia-nos o dôbro do resgate, com a condição de ficarmos com ela!

Em França:

Ele— Se te casares comigo terás um menino, depois uma menina e depois um casaliho!

Ela— Sim, sim. Afinal, vejo que não me amas. O que queres é cobrar o subsidio das familias numerosas...

— O senhor não sabia o perigo que corria quando se deitou á agua para salvar a sua filha!

— Perigo, nenhum! Sei nadar e, de mais a mais, sou casado...

— Pela ultima vez te pergunto: pagas-me ou não o dinheiro que te emprestei?

— Ainda bem que é a ultima vez que me fazes uma pergunta tao estúpida!...

— Vi uma pintura com um assunto africano, que quando se punha o termómetro marcava 40 graus.

— Pois eu tive uma tela melhor. Era de meu pai. Estava tão bem retratada que tinha que lhe fazer a barba duas vezes por semana, como se estivesse vivo.



A professora:— Pelo numero não me lembro do seu filho. Mas... dê-me os seus sinais...

A mãe:— É um pouco alto, nariz regular, cabelo comprido, meias altas e é cego dum olho...

A professora:— Por esses sinais deve ser o Camões...



— Onde vaes tu com esses papeis?
 — Expor os meus «oães» na exposição canina.

O caçador Prosa de Cha-Velho As pernas

O Ernestino não nascera decididamente para caçador. Gosava, todavia, de uma grande fama porisso que rara era a vez em que ia para a caça que a sua bolsa não viesse cheia. Lá como éle arranjava as coisas, não se sabia.

A verdade, porém, é que a sua fama longe de diminuir, aumentava dia a dia fortificava-se constantemente.

Pois um dia o Ernestino foi á caça.

Andou, andou, galgou montes, atravessou campos, mas o certo é que depois de longas horas de caminhada a bolsa continuava vazia.

Fez esforços sobre esforços, mas ainda a caça era pouca e a que aparecia nunca conseguiu alvejar.

Fatigado e aborrecido via já os créditos de caçador por terra, quando apercebeu um rapazote dos seus quinze anos junto duns patos. Aproximou-se. Teve uma ideia salvadora.

— Olha lá oh rapaz! Toma lá vinte mil réis. Mas deixa-me matar um pato.

Sim, senhor...

Ernestino deu o tiro e pouco depois metia o animal na bolsa... Mas achando que um pato era pouco, tornou para o garoto:

— Toma lá outros vinte mil réis. Vou matar outro pato...

— Sim, senhor. Não tem dúvida...

O segundo pato entrou também na bolsa do Ernestino que, voltando-se de novo para o garoto, diz com ar paternal...

— Olha que a vinte mil réis cada pato é um bom negocio...

— E' verdade...

— A como te custaram eles?

— Não sei... porque os patos são daquele homenzinho que vem acólá a correr.

«De touros entendemos todos um pouco, muito ninguem.»

Isto afirmou ha bons anos um jornalista ilustre—«Don Modesto»—que escrevia de touros sem se dar ares de critico; e repete-o hoje outro jornalista, não ilustre mas que também escreve de touros sem ligar ao caso importancia de critica, porque, a verdade é que nos tempos que vão correndo, melhor será deixar a solenidade da palavra para as Belas Artes.

«De touros entendemos todos um pouco», e com intuição e alguma pratica de ver corridas, pode-se facilmente escrever do que foi determinado espectáculo de touros sem ter outros especiais conhecimentos além daquêles que a profissão exige para semelhantes casos de reportagem.

E' necessario, bem entendido, ter da corrida de touros aquelas noções que todos os desportos exigem; mas sem recorrer á taboa de Logaritmos nem ter de resolver equações.

A teoria da dificuldade inacessivel apenas a defendem os que presumem de «Mestres», os «Ratas Sabias».

«Fazem-me rir os que, na rua ou no café, falam de touros como se fossem os unicos possuidores dos seus segredos.»

Esta frase é ainda do admiravel «Don Modesto», e ainda perfilhada por este admirador da sua graça e engenho.

Rapazes: Não acreditem nos «Ratas Sabias» que põem cathedra tauromaquica!

A muitos ignorados espectadores de touros temos ouvido acertados comentarios que os cerebros can-

çados dos «magister dixit» não alcançavam fazer.

E, se assim não fosse, como poderiam ser as praças povoadas por milhares de espectadores dum espectáculo que alguns pretendem ser para raros apenas?

«In illo tempore» tinha a apreante a nossa tourada não ha graça transcendencia que lhe era dada por autenticos mestres como Sanchez de Neira e Pena y Goni.

Depois veio a época de «Sobaquillo» e «Don Modesto», excellentes jornalistas que os «Ratas Sabias» acusavam de não saber de touros.

E hoje, nos tempos que correm, apenas se pede ao revisteiro-tauromaquico certa intuição e pratica, e graça, leveza.

Mas isto em Espanha, porque ante a nossa tourada não a graça possivel.

E de leveza não falemos, porque não ha nada mais «pesado» que uma tourada.

Estas declarações parecerão estranhas em quem escreve de touros, porque natural seria querer dar importancia e elevação ao facto.

Mas isso é bom para os «Ratas Sabias», para os que presumem de entender do que não vêem, ou raramente vêem—as autenticas corridas de touros e as «faenas» de campo que constituem a melhor escola.

Mas, de todos os modos se vive e se podem ver touradas... e sem ser «Rata Sabia»...

PERES LA CHAISE.

Com estas saias modernas a que não ha quem resista, lá se vão as lindas pernas que regalavam a vista.

As pernas vão-se de pronto, já devem ter pouca dura porque os mestres da costura, homens que dão o seu ponto, tiveram o gesto tonto de declarar guerra ás pernas e nas tendencias eternas dum triste e péssimo gosto, fazem da moda um «sol-pócto» Com estas saias modernas.

Lindas pernas de Lisboa que eram na sua magia o solar da Alegria e a alma da Madragôa, pois nada nos atordoa e fere e perturba a vista como a linha sensualista dum perna estilizada, bem bonita, bem calçada, a que não ha quem resista.

Subindo, á tarde, o Chiado pelo passeio da direita, quanta perninha bem feita por sobre o pé delicado. Agora, tudo mudado, já não ha visões externas porque as modas, subalternas dum critério moralista, taparam a Bela Vista, lá se vão as lindas pernas.

Tiram a graça da Graça, do Rato e da Avenida, pois a perna apeteçida é a Beleza que passa, agora dá-lhes a traça, assim o quere a modista, foi-lhe o prazer da conquista, já não luzem no Rossio pernas de tanto fello que regalavam a vista.

JOAO GORDO.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

ABERTO 18 JA 3 AGITE
RESTAURANT ROMA
— RUA DO MUNDO, 110 e 104 —
Luzes e phinetos de 1.º andar



Se padece da urina ou da bexiga não perca um minuto.

Tome comprimidos de Helmitol. Estes comprimidos desinfectam profundamente as vias urinarias onde costumam alojar-se microbios da mais variada especie. Não ha nenhum d'esses microbios que resista á acção dos comprimidos de Helmitol.

Alem d'isso as dôres e a ardencia desaparecerão como que por encanto.

Se mesmo não padece das vias urinarias, sobretudo se já não é novo, não espere que a doença se instale, previnase tomando os

comprimidos de Helmitol.

D'essa maneira, commodamente, ficará isento do possivel ataque futuro de doenças das vias urinarias, tão frequentes nos velhos e tão dolorosas, algumas vezes.



Leiam ámanhã no

KINO

GRANDE SEMANARIO PORTUGUES DE CINEMATOGRAFIA

Um artigo de Eisenstein e outros artigos sensacionais



Use V. também

ASPIRINA

que combate as dôres e aumenta o bem estar, sem prejudicar o coração ou os rins.



Tambem a Aspirina é um produto da acreditada casa

Bayer

Propaganda das pernas

Ao que nos informam, vai constituir-se uma comissão, composta por escritores, caricaturistas e contra-bichos de imprensa, para defesa das salas curtas das mulheres. Dela farão parte Stuart Carvalhais, o lapis mais femineiro do país, Nogueira do Brito, arqueólogo moderno mais que distinto, Cristovam Aires, jornalista todo puxado ao francês, e Matos Sequeira, que, na Alfandega, sabe cumprir o seu dever, apalpando toda a femea que lhe cheira a candonga.

Nós já estamos a ver a Liga Feminina a protestar contra a rasgada, patriótica e brilhante iniciativa da Liga dos Homens. Paciência! Também o jornalista fluvial Mauricio de Oliveira não deve aplaudir a ideia. Certamente que subirá ao cesto de gavela das rriminações publicas quando o sonho da comissão Pró-Pernas for uma realidade.

A Liga Feminina não ligará com a Liga dos Homens, mas esta sobrepujará aquela, dando conhecimento ás gentes de que as pernas são tudo neste mare magnum de desejos...

Propõe-se a comissão fazer, por meio de conferencias, toda a maxima propaganda a favor das damas que uzam as saias por cima das rotulas e de defende-las contra o perigo da D. Decencia, que que só tem nas suas hostes agueridas mulheres maduras com cabelinhas na venta...

O primeiro conferencista será o sr. dr. Oliveira Guimarães, advogado illustre que na sua secção *Pó de arroz da «Republica»* sempre tem defendido, com cursivo libidinoso, as saias curtas... Deve provocar um successo estrondoso, dada a sua facilidade em dizer...

E' esta a sensacional caixa do *«Sempre Fixe»* para arrelia da Liga e do Conselho das Mulheres, que, desta vez, perderão a partida das partidas que têm feito, muito ás claras, ao sexo forte. Vamos a caminho, pois, das belas pernas!

IVINHO

BERT AND IRMA, Lda
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESA DO RIO
LISBOA

DESSPORTOS FITAS FALADAS

A influencia do Cabo Juby no empate dos portugueses

Eu não sei se os nossos pagadores de foot-ball foram ao cabo Juby, um caminho que fica pelas alturas de Rabat.

Se não foram, podiam ter ido, e a proposito dessa excursão á terra dos albornozes a essa terra, onde mais duma illusão se tem perdido, e onde tambem muitos com illusão se têm perdido tambem, lembro-me daquela quadra:

Não te rias da caveia
Se fôres ao cabo Juby,
Que ou tu mastigas o mouro
ou ele te come a ti.

Em Rabat nada disto succedeu.

—Esses tambem estão no estrangeiro.

—Então quem é que está cá?

E o Horacio, muito tristemente, a fingir de romeiro:

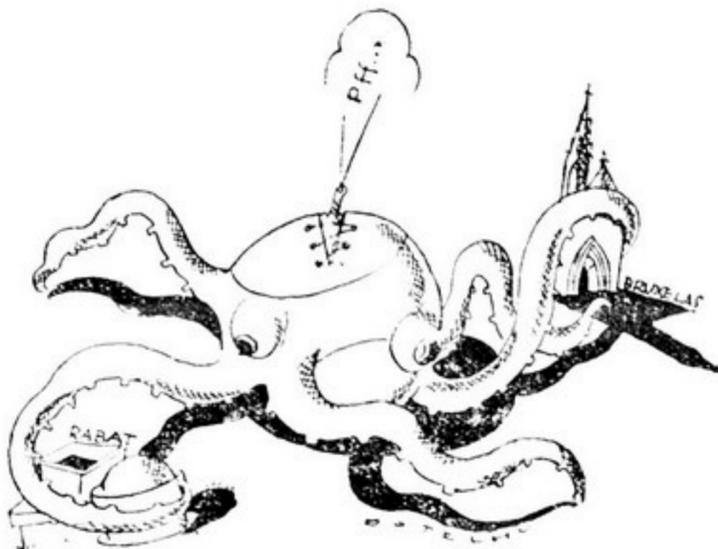
—Ninguem!!

O chefe, depois do almoço, entra na repartição e dirige-se a um dos empregados, que lhe havia pedido licença para, nessa tarde, ir ao funeral do seu amigo Abreu:

—Afinal o senhor sempre quer a licença para hoje?

—Certamente. V. ex.ª sabe... e... sim, V. ex.ª comprehende que... (titubia o empregado).

AFINAL PFF...



O nosso «foot-ball» ainda não é para estes luxos

tudo decorrer na melhor harmonia. Nem resgates, nem coisa parecida. Mas tenho cá um... ite que se a gente empatou no primeiro dia alguma razão de peso houve. Qual foi? Nunca ninguem o saberá. Seria coacção? Sabe-se lá, sabe-se lá, sabe-se lá!

O Belenenses já foi ao tal cabo Juby, isto é, a Marrocos, e por isso não deu agora ninguem para a selecção que lá foi.

Pudéra! Gato escaldado de agua fria tem medo.

Federação Portuguesa de Foot-ball Association ás 10 horas da noite:

—O sr. Presidente está?
—Não está, não senhor. Foi para o estrangeiro.
—E o sr. Secretario?
—Tambem foi.
—E os outros senhores que fazem parte da Direcção?

Então, o chefe dirigindo-se pausadamente para a sua secretaria:
—Está bem. Pode sair, mas desde ja o aviso que o grande jogo de foot-ball foi transferido para amanhã.

A pequena Lili faz um barulho dos infernos, apesar das descomposturas constantes da mãe.

Corre por todas as casas, salta, grita, atormenta todos, sempre numa correria estonteante, sem ligar importancia alguma aos ralhos maternos.

A mãe não pode mais, castiga-a, puxa-lhe as orelhas, dá-lhe dois acoites.

A pequena chora e, ainda soluçada nervosamente a recordar os acoites apanhados, quando o pai entra e lhe pergunta:

—Que foi isso Lili?
—Foi a mamã que me castigou por excesso de velocidade.

Quem canta seu mal espanta!

Bons dias! Haja saude!
Quem é aquêlê senhor?
Que vai apanhar o «Sud».
Cala a boca. Um director
Deixa-os falar, é inveja,
Inveja de ires viajar.
A moral é brotoeja
Que não se chega a pegar.

Tadinhos! Se lhe ofertassem
Um passavel a Calcutá,
Desprezavam o maná,
Com medo que os censurassem.

Foram todos, nem só um
Ficou por cá. Mas que azar!

Mais vale ás vezes nenhum
Do que muitos a mandar.

Ando ha muito a meditar
Naquilo que me disseste.
Pois não posso acreditar
Que estejas em Budapest.

Estas quadras, meus senhores,
São todas do coração.
Para os queridos directores
Da nossa Federação.

Foram-se embora? deixa-los.
Que ninguem vá lá busca-los.

ZE MARIA.

1.ª PARTE

—Luciano, meu bom Luciano, anda... leva-me ao sonoro...

—Já te disse que não, Beatriz. E de resto, com sono estou eu. Olha, não faças fitas.

—Mas ó filhinho, tu não calculas como eu gosto de Orquideas...

—Está bem, concordo, eu tambem admiro imenso a Greta, mas que queres, hoje não me apetece, estou exausto... cansado...

—Bem sei, eu mesmo já estava á espera disso; quando te chega o teu problematico esgotamento nem a ponta do florete do Douglas, te faz vir á flor da tua antiga alegria. Mas está bem, não faz mal. Adeus! Tambem me vou deitar.

2.ª PARTE

—Boa tarde Luciano. Homem, não ha quem te veja, que é feito?

—Sei lá... Olha vamos tomar um absinto...

—O quê, tu... tão sobrio, mas o que tens? Porque te metes agora na alcool?

—Ricardo, tu és o meu melhor amigo. Posso-te contar tudo. A Beatriz fugiu-me, dizem que com um cineasta para o Bairro Camões...

—Mas porque foi, Luciano? como começou isso?

—Sei lá, olha, começou por me chamar Luciano, e acabou por me tratar por... cordeiro!...

SILVA DO TO.

UM AVISO

Nas obras da futura Fabrica de Electricidade de Santarem, vê-se um aviso, redigido nos seguintes termos:

«EEX PRECAMEN
TE PORIBIDG
A ENTRADA A
PESSOASESTRA
NBASAO CERVISSO».

Isto é que é um bom cervisso prestado a lingua portuguesa!



—Já aranjei contrato para a provincia. Ganho 20800 e jantar.

—Va lá... Já não morres de fome...

—Mas é que so damos espectáculo aos demings.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

FOI FELIZMENTE NA AZINHAGA DOS MÓCHOS OS QUAIS CONSEQUIRAM HIPNOTIZAR OS TOIROS, EVITANDO UMA CATASTROFE.



UM DOS FOCAS DA MARINHA PERDEU UMA BOTA NO MONTIJO VINDO PARA CASA AO PÉ COXINHO.



PARA PROVAR COMO É AEREO O PRINCIPE CAROLA VOLTOU AO REINO DE AVIAO, COM O PAPIÑO CHEIO DE CHAMPAGNE.



ACABARAM PARA MAL DO TURISMO OS NOSSOS PRINCIPAIS HOTEIS HISTORICOS



NO CONCURSO CANINO APRESENTARAM OS MELHORES EXEMPLARES OS MEDICOS E ALFAIATES.



OHI PORCALHÕES DUM POVO, JA' TENDES ONDE LAVAR A CARA E MAIS ALGUMA COISA.

